



Epistemologia do inconsciente – Características esquizo-paranóides nos caminhos da ciência e da prática psicanalíticas: tolerância de paradoxos, realismo e idealismo ingênuos*

Paulo Cesar Sandler**, São Paulo

Este estudo compacta investigação publicada sob forma de livros. Constitui uma tentativa de mostrar o ethos da psicanálise através de uma historiografia de idéias. Tenta mostrar que alguns parentescos entre a teoria do conhecimento (ou epistemologia) e a psicanálise. A psicanálise seria a consecução de um projeto delineado, mas temido por Kant: uma exploração tão profunda no âmbito numênico, que se confunde com o âmbito da própria mente. Estudar a mente seria praticar a epistemologia mais pura, pois não se faria epistemologia sem uma apreensão mais firme de seu instrumento prínceps, a própria mente e seus métodos. Outros paralelos funcionais são apontados, por exemplo, as epistemes, na filosofia, são guias subjacentes ou inconscientes para o conhecimento, que demandam elucidação. Equivalem às fantasias inconscientes, na mente e na psicanálise, já que estas últimas são também guias subjacentes e inconscientes para o conhecimento que demandam elucidação. Considera-se que a natureza prática da psicanálise a diferencia da epistemologia tanto no seu berço como na sua razão de ser, a clínica. São propostas as definições quanto à postura psicanalítica básica, ou seja, a tolerância de paradoxos sem tentativas de resolvê-los (que sempre implicam em clivagens) e às duas posturas que impedem o conhecer,

* Esta é a versão em português, bastante modificada, de um estudo apresentado no IPAC, Nice, 2001, no painel oficial sobre Epistemologia e Psicanálise, mediado por Sandor Abend; os outros apresentadores foram Samuel Sizman e Charles Hanly.

** Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.





Paulo Cesar Sandler

que se propõe denominar de realismo e idealismo ingênuos. Estas tendências – que causaram miséria na filosofia (a guerra idealismo versus realismo) – poderiam ser evitadas pelo analista que aproveitasse da experiência do filósofo. O estudo inclui uma hipótese sobre o estado da mente do pesquisador, em termos da posição esquizo-paranóide. No idealista prevalece o fenômeno esquizóide no realista, o fenômeno paranóide. No movimento psicanalítico, ambos expressam-se pelas adesões fáceis a modelos transplantados, na falta de apreensão ou reação contra a obra de Freud. No realismo ingênuo, a modelos positivistas, no idealismo ingênuo, a modelos hermenêuticos.

“...A teoria pode ser necessária para representar a semelhança entre pessoas separadas por raça, religião, linguagem e espaço, medida em termos de, ou por tempo e distância física. Nossa consideração é como este ‘âmbito’, geralmente deixado a cargo de gênios, possa ser administrado por seres humanos comuns. Nietzsche fala que um grupo precisa produzir ou encontrar gênios; como reconhecê-los e preservá-los quando encontrados? Será a ‘mente’ humana o órgão sensorial que poderia ser adaptado para esta finalidade? Será que a teoria da consciência de Freud pode ser estendida ao todo da mente humana e ao objeto de sua atenção a qualquer coisa que esteja ‘aliás’”

Bion, 1975, p.128

“Ah, clamo por uma musa...qual a chama do ourives e o apagador dos amanauenses – Ela ousará depurar do uso natural dos sentidos o uso antinatural de abstrações, pelo qual nossos conceitos das coisas ficam tão mutilados quanto é blasfemado e fica suprimido o nome do criador”

J.G. Hamann, c.1780¹

Nos tempos anteriores a Freud este estudo dificilmente seria possível. Para Kant, o âmbito do inconsciente, absolutamente negativo, ou “minus” na linguagem proposta por Bion (1962), era incognoscível. Era um conceito-limite. Vivia-se então o primado da “todo-poderosa consciência”, como a chamou Freud na *Interpretação dos Sonhos*.

1. “Ö for a muse like the fire of a goldsmith and like the soap of the fullers! – She will dare to cleanse the natural use of the senses from the unnatural use of abstractions, by which our concepts of things are just as mutilated as the name of the creator is suppressed and blasphemed” (J.G.Hamann, c. 1780), na versão inglesa citada por Isaiah Berlin.





Epistemologia quer dizer “estudo do conhecimento”. Inconsciente quer dizer “não conhecido” (*Unbewußt*). Uma teoria do conhecimento sobre o puro não-conhecido? Teremos nos enredado em uma contradição em termos, ao aceitarmos a consigna dada pela Revista de Psicanálise da SPPA para escrever um estudo?

O convite caiu como um relâmpago. Como na metáfora de Poincaré², era apenas um relâmpago em uma noite escura, mas este relâmpago talvez seja tudo. Pois foi justamente esta a aventura e a pretensão de Freud: conhecer algo não conhecido e desenvolver métodos – notavelmente nunca conhecidos, mas feitos no “aqui e agora”, como escrevia Freud, ou no “spur of the moment”, como escrevia Bion. Fariamos, assim, ao praticar psicanálise, uma “epistemologia” do inconsciente? A misteriosa atividade de psicanálise: conhecer ainda que por lampejos fugazes o que não se conhece jamais – não de modo último. Por métodos sempre desconhecidos, por advirem do paciente e de nossa experiência. O analista, como o físico que estuda micro-partículas, vivificaria a metáfora de Otto von Neurath, que dizia que a ciência era um barco que demandava ser construído no momento mesmo em que atravessava o oceano³.

Há uma série de evidências: **i.** da natureza epistemológica da psicanálise; **ii.** de que a epistemologia foi um precursor não-médico da psicanálise, sempre que prestou atenção à mente e à verdade; **iii.** de que a psicanálise nasceu como uma saída à milenar guerra idealismo versus realismo; que talvez não passe de uma, dentre muitas, das persistentes dificuldades de captar o ethos imaterial da mente. Como tantas guerras que divorciam casais, esta divorciou as ciências das humanidades e colocou os dois em perigo (Berlin, 1956).

Em outros textos (Sandler, 1997), tentei mostrar a evidência de como a psicanálise e a física, simultaneamente, apreendem aspectos e manifestações mais próximas aos númena como jamais se conseguira antes. Levou as descobertas de Kant a conseqüências que ele presumia possíveis, mas antes da psicanálise produziram mais obscurantismo do que conhecimento, como as certezas racionais do Positivismo e o Absoluto de Fichte e Hegel. O caráter prático e não filosófico da física e da psicanálise e a atenção a indivíduos desta última parecem ter fornecido o diferencial: a âncora na realidade dos fatos. Ela impede vôos imaginativos desbridados. Por definição Freud usa de modo respeitoso o que os românticos alemães descobriram, o *Unbewußt*, não conhecido. Então, como pode ser conhecido? Conhecer parcialmente, transitariamente, ou conhecer parcialmente um todo – ou totalmente um aspecto de algo –

2. Esta citação foi feita por Wilfred Bion e serve de mote ao livro *Cogitações*.

3. Von Neurath fez parte do “Círculo de Viena”, o núcleo neopositivista formado por Ernst Mach, Moritz Schlick, Ludwig Wittgenstein quando jovem, Rudolph Carnap e outros, que buscavam testar proposições científicas em termos de seu valor-verdade.





continua mantendo vivo o fato de desconhecermos aquilo de modo último. Isto mantém viva a marcha do conhecer.

A epistemologia do inconsciente: psicanálise propriamente dita? Ou psicanálise: epistemologia do inconsciente propriamente dita?

Um paradoxo nos aguarda. Hoje em dia parece factível descrever alguns produtos deste processo de conhecer, psicanálise. Temos seus nomes, graças ao afincamento científico (em outros termos, amor à verdade) e à intuição de alguns grandes autores. Embora os “conheçamos”, pela natureza prática da psicanálise, nunca os conhecemos naquele paciente em particular. As configurações particulares dos “habitantes numênicos” do *Unbewußt* (sinônimo de não conhecido, inconsciente), como elas aparecem no aqui e agora, sempre são desconhecidas. Por vezes emergem pelo seu negativo, ou “menos”, ou podem estar fragmentadas, distorcidas, marcadas por regressão, fixação, inveja e uma infinidade de combinações de tudo isto. Então são conhecidas teoricamente e desconhecidas praticamente; são transcendentais, podem apenas enquanto duram – e isto é fugaz.

Freud nos legou quase todas as formulações verbais destes “habitantes numênicos”, o mais próximo de “O” que se conseguiu chegar: Édipo, transferência, fantasias inconscientes, instintos epistemofílicos, de vida e de morte, dois princípios do funcionamento mental, narcisismo primário, trabalho onírico, relações de objeto e aspectos de culpa ligados a ela. Ele não descobriu o inconsciente, como se diz, mas deu-lhe, via medicina, utilidade prática; certamente descobriu a psicanálise, o trabalho onírico (filho direto do *Bildungskraft* dos românticos), o princípio da realidade (o do prazer/desprazer era conhecido desde os gregos), os instintos de morte.

De sua abertura, alguns estenderam e desenvolveram algo. Klein descreveu como ninguém antes nem depois dela *quais* eram algumas das fantasias inconscientes e nos legou a possibilidade de apreendermos as “posições” e a inveja e a avidez primárias, ligadas e provenientes do narcisismo primário. Estendeu ainda o estudo da culpa, reparação e sua origem no ódio e no amor objetal e o que ocorria nos primórdios da vida humana entre o bebê e a mãe e o pai. Winnicott nos mostrou o falso *self* e o objeto transicional e aprofundou ainda mais a observação sobre vicissitudes das relações inconscientes de mãe e bebê. Bion descreve o funcionar do continente-contido, estende o estudo de Freud sobre desenvolvimento do pensar e do trabalho onírico, centrando-se na introdução do princípio da realidade no inconsciente humano, além de mecanismos de funcionamento inconsciente em grupos.

Não estou incluindo aqui contribuições de autores como Hartmann, Kohut e muitos outros – a consigna diz respeito ao inconsciente, e estes autores lidaram com o ego e a consciência. Será que um estudo sobre “epistemologia do inconsciente” bem poderia parar por aqui? Pois psicanálise propriamente dita é a epistemologia do





inconsciente; ela é a teoria do inconsciente. Constitui o grande estudo de seus “habitantes” – o elenco há pouco expresso. No entanto, por mais que este elenco que tentei compor – não mais que taquígrafia – possa fazer sentido a um analista experiente, ele não passa de uma coleção de jargão.

Caso típico de “mais fácil falar do que fazer”⁴. Sua apreensão não é intelectual. Depende de uma atividade experiencial, “vivível” na hora que ocorre – eterna enquanto dura. Posto que é chama – e se chama psicanálise. Não se pode encontrá-la em um escrito, mas nos consultórios de psicanalistas quando eles se encontram com seus pacientes, durante tantos desencontros e um ou outro encontro. Da pessoa consigo mesma, de modo último. Os dois, paciente e analista, precisam ser “suficientemente bons”. Como os Agamenona multi da *Eneida*, citados por Bion, nós, estes analistas e pacientes, podemos não ter o talento e a oportunidade dos grandes autores. Mas de nós depende a psicanálise mesma, a “epistemologia do inconsciente”.

Definições

Epistemologia é o estudo do conhecimento, das teorias que o justificam e dos obstáculos a este estudo, sejam eles perceptuais, psicológicos e mais recentemente sócio-políticos. Lida com a Percepção e Processos de Pensar. *Episteme* é um fragmento de conhecimento; *Doxa* é o discurso sobre ele. Ambos instrumentam a *Filosofia da Ciência*, que se constituiu no exame crítico das teorias científicas e dos métodos científicos, inclusive aqueles que cuidam da coleta de dados e de sua reunião e ainda de sua comunicação (verbal ou não) e, especialmente, da Refutação (que inclui avaliações de resultados). Estes termos sugerem a semelhança entre os problemas enfrentados pelo epistemólogo e pelo psicanalista⁵. *Epistemologia está para o conhecimento assim como o inconsciente está para a mente*. Objetos internos, instintos e seus equivalentes psíquicos (fantasias inconscientes) são a bengala do cego para a

4. O ditado é dos povos de fala inglesa: “easier said than done”.

5. Estas atividades parecem ser de tal modo aparentadas que a filosofia chegou a ser considerada como único campo autorizado a estudar a mente; a psicanálise foi vista como intrusa; e a psicanálise, que se impôs como protótipo do estudo da mente tem sido vista, tanto elogiosa como denegritoriamente, como filosofia. Esta visão nega-lhe seu *ethos* prático e científico. Durante os últimos dois milênios, os filósofos têm se interessado e desinteressado ciclicamente tanto da verdade como da “mente” e de seu funcionamento. A “mente” e seu funcionar têm sido denominados de modo variado: “entendimento humano”, “espírito”, “alma”, “personalidade”, “caráter”, “realidade psíquica” (depois de Freud). Para alguns, a mente é uma condição da própria existência da filosofia; para outros, seu mais terrível engano.





Paulo Cesar Sandler

vida humana. Podem ser vistos como análogos a “epistemes”: as diretrizes subjacentes para o conhecer, inefáveis e não sensorialmente apreensíveis.⁶

Idealismo, chamado nos tempos de Freud solipsismo e, em tempos mais antigos, de subjetivismo, é a idéia de que o universo e a realidade não passam de criações da mente. Sempre desemboca no relativismo, que entroniza a opinião individual. *Realismo* é a idéia de que a realidade material externa a nós, apreensível pelos cinco sentidos básicos, resume tudo que possa ser visto como realidade.

Mal-estar na filosofia

Vou acoplar a visão epistemológica a respeito da psicanálise à visão psicanalítica a respeito da epistemologia. Talvez possamos aprender a tragédia histórica do epistemólogo, para evitar repeti-la como farsa na história do movimento psicanalítico. Pois, como na música, onde estão os grandes filósofos aparecidos com Confúcio, Platão e aparentemente terminando com Nietzsche? A resposta fácil, pois racional e plausível, do “fim dos grandes sistemas” (apregoadada pelos pós-modernos) parece-me pertencer ao campo da psicofarmacologia e da psicologia, na medida em que provê ansiolítico e terapia de reforço. Parece-me mais que eles se bandearam para a matemática, a física, a biologia.⁷

Nossa investigação, publicada sob forma de livro (a série *A Apreensão da Realidade Psíquica*, publicada desde 1997), mostra que a “guerra” do Idealismo versus o Realismo divorciou a ciência das humanidades. Este divórcio foi observado por Isaiah Berlin, o fundador da moderna historiografia das idéias. As reverberações desta “guerra” no movimento psicanalítico têm afastado os psicanalistas do trabalho de

6. Começando com Freud, muitos analistas pensam que a tarefa da psicanálise muitas vezes se funde com a do epistemólogo – depois de Freud, Sandor Ferenczi, Ernest Jones, Melanie Klein, Edward Glover, Donald Winnicott, H. Searles, Wilfred R. Bion, Roger Money-Kyrle, Theodor Reik, Elliott Jaques, J.O. Wisdom, Karl Menninger, George Klein, André Green e James Grotstein mantiveram a “postura epistemológica”. Epistemologia parece a este autor um ancestral da psicanálise. Suponho que Gaston Bachelard foi um dos primeiros estudiosos a pensar deste modo. Seu modo é realizado de modo inverso ao que proponho aqui e que me parece ter sido o de Freud; pois psicanálise nasce da clínica, mas Bachelard não contou com a experiência clínica.

7. “*Se a psicanálise não provê um refúgio seguro para seus asnos selvagens...*” (Bion, 1975, p. 9). Creio que os filósofos, abandonando a verdade e a mente, não cuidaram da filosofia. Ave de arribação, procurou refúgios mais seguros: os grandes pensadores pós-Nietzsche, Buber e Bérngson, com exceção de Santayana, parecem ter sido físicos (Planck, Einstein, Heisenberg), matemáticos (Poincaré, Schrödinger), biólogos (Dobzhansky), sociólogos (Weber). Outros, de Braithwaite a Russell, de Bachelard a Derrida, de Mills a Nozick, de Cassirer a Habermas, parecem-me mais aplicadores (artesãos) do que descobridores. Como Furtwangler, Schnabel, Menuhim, Pressler, artesãos; diferem de artistas, Bach, Mozart, Beethoven, Brahms. “Où sont les neiges d’antan?”. Onde estão os Spinoza, Bacon, Pascal, Kant, Goethe, Hegel, Schopenhauer de hoje em dia?





Freud, como tentamos mostrar em um estudo publicado na *Revue Française de Psychanalyse* (Sandler, 2001). Esta guerra foi consequência do que propus chamar a “primeira grande clivagem” na história do pensar: aquela havida entre mente e matéria. Ligada ao estado de mente de pessoas como Aristóteles e Descartes, perdurou – e ainda perdura no positivismo – por mais de 2000 anos. Só teve uma alternativa com as obras de Freud, Planck e Einstein.

Epistemologia e psicanálise: parentes, amigas ou estranhas?

Aquilo que foi descoberto no movimento romântico como constituindo os instintos e operacionalizado medicamente (a serviço de indivíduos em certos sofrimentos de sua vida) por Freud são algo para nossa vida; o mesmo se aplica para as “epistemes”. Instintos e epistemes são *diretrizes subjacentes* para o conhecer.

A “necessidade de conhecer” do ser humano – o instinto epistemofílico observado por Freud⁸, filho direto do “impulso (ou “ânsia”) de conhecer” referido por Aristóteles na *Metafísica* – desenvolveu esforços para apreender a realidade *como ela é* (como diziam Francis Bacon, Samuel Johnson e Immanuel Kant). Este desenvolvimento foi irregular por ter comportado *démarches*. Vem de Platão e chega aos cabalistas; interrompe-se então pelo catolicismo romano. É retomado por Kant e segue agora sem interrupção do iluminismo e da medicina para os românticos alemães; culmina em Freud, nos físicos modernos e nas contribuições de Klein, Winnicott e Bion. Este desenvolvimento nos permite afirmar hoje que este avanço em tentar satisfazer a necessidade do ser humano de conhecer se deu por meio de abstrações, gradualmente “de-sensorializadas”. Os modos pré-verbais parecem ter sido os mais antigos: constituíram as Artes (Música, Pintura, Escultura). Há dúvidas se a aquisição da linguagem precedeu as inscrições rupestres; mas certamente modos verbais sofisticados foram muito posteriores: Mitos, Prosa/Poesia, Teatro, Filosofia, Ciência.

O critério mais antigo que se conhece para a ciência, desenvolvido por Aristóteles, Descartes e Locke, foi o de que é necessário haver uma concordância racional entre idéias. Esta concordância deu-se por meio da lógica euclidiana. Mas ela criou um esquema auto-alimentante, racional e lógico, tornando impossível a distinção entre o pensador e o louco – como observou Hume. Assenhorar-se de lógicas internas

8. Por um fato talvez iluminado pelo ódio ao conhecer, metaforicamente ilustrado em mitos como o da expulsão do paraíso após Eva ter provado o pomo da árvore da sabedoria ou o mito de Babel, a literatura psicanalítica atribui a Melanie Klein a autoria do conceito, instinto epistemofílico. Ela jamais reivindicou isto. Freud o formula no caso do pequeno Hans.





Paulo Cesar Sandler

não conduz a descobertas, mas a circularidades que dotam a dedução de uma credibilidade ilusória, meramente *a priori* (descobre-se oracularmente aquilo mesmo que se predisse que se iria descobrir⁹), e a indução, de uma credibilidade *ad hoc*.

Mas a ciência real demanda uma coerência entre idéias (conceitos) e experiência (objetos empíricos de estudo). Spinoza e Kant observaram esta necessidade, que fez renascer a ciência. O âmbito artístico da ciência e o âmbito científico da arte se estabelecem em uma busca intuitiva por *elementos básicos* que permitem generalizações atemporais que abarcam casos individuais. A formulação destes elementos lampeja a realidade transcendente última. Embora incognoscível de modo último, é intuível através de formulações simbólicas como $E=mc^2$, Édipo. Estes modelos (Kant, 1781; Freud, 1938; Bion, 1962, 1963, 1965) científicos esboçam fugaz e transitoriamente suas contrapartes na realidade já existente. Foi assim que Freud irrompeu no âmbito numênico, que Kant contemplou mas temia adentrar.

Semelhanças

A psicanálise lida com a Verdade e a Mente através da uma intuição disciplinada, livre da corretagem da razão e, em um certo momento, dos sentidos. Integra em um quadro de referência médico os *insights* sobre a verdade, mente, vida e natureza obtidas pelo desenterrar que pessoas dos séculos dezessete, dezoito e dezenove¹⁰ fizeram do *cognitio dei experimentalis* dos antigos gregos e dos cabalistas¹¹. As “Formas” e o demiurgo de Platão são formulações ancestrais da Realidade Psíquica e da Realidade Material e também de Conteúdo Latente e Manifesto, respectivamente.

Diferenças

Equipados com intuição não-mística para se impulsionarem no desconhecido, os Românticos foram além das aparências sensorialmente apreensíveis. Freud foi ainda mais longe: a experiência viva permitiu-lhe explorar o âmbito paradoxal, atem-

9. A expansão deste ponto para uso de psicanalistas encontra-se na descrição do método dedutivo e sua análise crítica, no volume I da série *A Apreensão da Realidade Psíquica*.

10. Quando menciono a Renascença, espero que o leitor o perceba, a Grécia Antiga está implícita.

11. Esta foi a frase cunhada por São Thomas de Aquino. “Dei” pode ser substituído hoje pelos Noumena de Kant, ou ciência, ou arte, ou pelo “O” de Bion. Ver Scholem, G. (1941). *A Mística Judaica*, versão brasileira, supervisionada por J. Guinsburg. S. Paulo: Perspectiva (english version, *Major Trends in Jewish Mysticism*); Yates, F. (1979). *The Occult and the supernatural in the Elisabethan Age*: Ark Paperbacks; D’Arcy, M.C. (1953). *St. Thomas Aquinas*. Dublin: Clonmore & Reynolds.





poral/transitório do inconsciente, moradia da verdade e mentira humanas. Freud aperfeiçoou a apreensão da realidade externa através da apreensão da Realidade Psíquica interna. Sua dedicação médica para com o indivíduo que sofre traz utilidade prática para a condição do epistemólogo. Considerar a Natureza e a Realidade tais como são o capacitaram a ultrapassar o princípio do prazer/desprazer, para trazer à luz a existência de um Princípio da Realidade. Este último é o gerador de uma função epistemológica da mente. A clínica engendrou um vértice que não “fala a respeito de”, mas “é” e “sofre”. Onde havia “verdades absolutas”, explicativas, positivas, Freud permitiu que houvesse a natureza “negativa”. Isto foi desenvolvido por Bion e Green: a função do “menos”, do não. Na prática isto significa considerar o valor da frustração e da alucinação. A psicanálise transformou o “conhece-te a ti mesmo” socrático em um “tornar-se quem se é” (Bion, 1965, p.148 e seguintes); eu acrescentaria, através de se conhecer, ainda que transitoriamente, a verdade e a mentira de cada um. Transferência, identificação projetiva, podem ser consideradas como mentiras, erros epistemológicos. Através de um intuir “binocular” (Bion, 1962) ou em “dupla via” (Grotstein, 1981, 2002) de pares paradoxais, discrimina-se aquilo que *é* daquilo que *não é*, o real do irreal: “*o...efeito da psicanálise, caso exista, depende do quanto o analisando foi capaz de usar a experiência para ver um aspecto de sua vida, ou seja, ele mesmo, como ele é....a psicanálise é uma atividade do analisando e do analista para determinar a verdade; assim, os dois estão engajados – não importa o quão imperfeitamente – naquilo que é, em sua intenção, uma atividade científica*” (Bion, 1992).

Espero que o leitor perdoe a indulgência de uma fábula: um hominídeo macho ouve o choro de um serzinho que mais parece miniatura sua, desamparado. Terá sido este o nascimento do conhecimento, quando este hominídeo tolerou a perda de sua parceira – até então vista exclusivamente como fonte de prazer – e a ligou paradoxalmente ao estímulo acústico de dor. Dor até então do serzinho, agora sua também? Teria este hominídeo sido capaz de substituir o ato prazeroso com o pensamento de uma experiência emocional ligada a uma necessidade natural – o casal sexual criativo e sua criação?

Origens

Os fatos clínicos capacitaram Freud a dispensar a episteme explicativa de causas e efeitos ligados por lógica. Ele libertou a psicanálise da ilusão do observador neutro, pois nossa personalidade é tanto nosso método quanto nosso objeto de estudo. A análise pessoal é nossa ferramenta epistemológica. Permite algum conhecimento das interferências que o observador participante – o analista – exerce sobre os





Paulo Cesar Sandler

fenômenos observados. Foi assim que ele iluminou os dois princípios do funcionamento mental; que o sonhar é uma ferramenta epistemológica da mente individual para se conhecer autocriticamente; os três instintos básicos (de vida, morte e epistemofílico) e o narcisismo primário. O “historicismo” (aqui entendido como um método de análise desenvolvido por Vico, Hamann e von Herder)¹² permitiu que Freud usasse os mitos como “*ferramentas para encontrar fatos*” (Bion, 1992, p.114)¹³ que evocam “*invariâncias*” transcendentais; ele desenterrou Édipo¹⁴ e observou a existência daquilo que nomeou (pois não havia nenhum nome disponível) de fantasias inconscientes e objetos internos. O âmbito numênico descrito por Kant corresponde – e nos parece ter originado o conceito de “realidade psíquica”. Freud não formulou o inconsciente, os românticos alemães o fizeram. Mas ele formulou pela primeira vez na história da civilização ocidental o conceito de realidade psíquica e material (númena e fenômenos).

Hegel desenvolveu a dialética grega; de um embate destrutivo de opostos (tipificados pelos sofistas) surgiu a complementaridade das teses e antíteses resultando em sínteses. Nossa sugestão é que, assim como Freud vem de Kant, o interjogo das posições esquizo-paranoide e depressiva e a continuidade da iluminação dos conteúdos paradoxais das “phantasias” (ou fantasias inconscientes, como hoje são mais comumente chamadas), as funções, vínculos e transformações/invariâncias descritas por Bion originam-se da obra de Hegel. O mesmo vale para o seio, paradoxalmente criado pelo bebê e já existente. Os pares dialéticos descritos por Hegel beneficiam-se das conquistas do Iluminismo e transformam-se em contrapontos vivos, se-moventes. Não de um modo guerreiro, mas criativo (algo que os hegelianos de esquerda jamais captaram).¹⁵

Talvez a primeira reação da prática científica que se desvencilhou do positivismo – ele mesmo uma reação aos excessos idealistas do romantismo – tenha sido a psicanálise, ao se afastar de relações de causa e efeito e previsibilidades. Pois Hegel

12. Muito diferente do modo de Heidegger; esta distinção me parece fundamental.

13. Myths are powerful enough to convey macro, universal truths and it they also are valid at the micro, individual level, as part 'of the primitive apparatus of the individual's armoury of learning'. In the text that considers the myth as a 'fact-finding tool', Bion states explicitly: "I wish to restore its place in our methods so that it can play the vitalizing part there that it has played in history and in Freud's discovery of psycho-analysis" (Bion, 1963, p. 66). He scrutinizes the Oedipus Myth (Bion, 1963) and the myth of Babel (Bion, c. 1960, published in 1992, p. 226)

14. Diferente de conceitos filosóficos, eles têm uma contraparte na vida de cada pessoa. Bion, que observou que análise real é vida real, também propôs que considerássemos os dois princípios do funcionamento mental; o interjogo das posições formuladas por Klein está entre as formulações mais próximas dos númena que o ser humano já conseguiu fazer.

15. Estas afirmações podem parecer excessivamente resumidas ou até arbitrárias. A investigação que as fundamenta está nos volumes III, IV, V e especialmente VI e VII da série *A Apreensão da Realidade Psíquica*, publicada pela Imago, 2000-2003.





queria ter fundado uma ciência, mas seu objeto nunca foi empírico e sim a própria ciência, restringiu-se a uma teoria da ciência. O positivismo e os formalismos imperaram depois de Hegel. O positivismo foi um movimento, inventado por Comte, depois transformado em religião, que tentou ditar e padronizar critérios que determinassem o que é ciência e se algo é ciência; adaptou o cartesianismo a uma caricatura do empirismo: neutralidade do observador, crença em causas e efeitos, previsibilidade, apreensão dos fenômenos limitada ao sensorio e à materialidade, tri-dimensionalidade, dedução e indução baseadas em lógica formal. Posteriormente, com Popper, que retrocedera do neo-positivismo para o positivismo, adotou mais dois critérios: falseabilidade e reprodutibilidade dos fenômenos dos experimentos científicos. Formalismos são padronizações de métodos para assegurar resultados; tentou-se impô-los, sem sucesso, na matemática, até 1934, quando Gödel demonstrou sua impossibilidade. Produziram, apontou Adorno, reificações dos métodos. Ambos provavam ser de tal modo limitados que se invalidaram. Alguns ramos de investigação continuam acreditando – trata-se apenas de uma crença – na supersimplificação positivista, como nas assim chamadas neurociências. Quase simultaneamente à psicanálise (1905), a física desafia a materialidade, sensorialidade, causalidade e neutralidade do observador e, trinta anos depois, a matemática desiste do formalismo. Neste entretempo, surge o neo-positivismo, que abomina a intuição e tenta testar o valor verdade de proposições e enunciados científicos de modos que podem ser vistos como lógico-gramaticais. Mach, Schlick, o jovem Wittgenstein, Carnap e Lakatos podem ser vistos como seus expoentes.

Bion tentou validar as interpretações do analista por meio da proposta neo-positivista e, assim, aristotelicamente, discerniu no discurso psicanalítico os objetos, elementos, transformações e seu “valor verdade”. Posteriormente tentou uma “busca da Verdade, ‘O’”, sendo “O” seu símbolo para o âmbito numênico.

Os grandes autores da psicanálise evitaram “*uma engenhosa manipulação de símbolos*” (Bion, 1975, p.102). Não se arriscaram a criar “*uma vasta paramnesia para preencher o vácuo de nossa ignorância*” (Bion, 1979, p.152-3). Ao invés disto, observaram conjunções constantes de senso comum e as formularam através de uma “*linguagem de consecução*”. Observaram associações livres (que se constituem na atividade do brincar, no adulto) no “aqui e agora” da sessão. Assim como as condições de partícula-onda, ou matéria-energia, nas quais convive um paradoxo monista de dois estados, a imaterialidade psíquica (ou da mente, seja qual for o nome que se lhe dê) possui contrapartes na realidade material e ambas as formas de uma existência convivem.





Duas ingenuidades

Mas a mente provou ser “...um fardo excessivo, que a besta dos sentidos não pode carregar” (Bion, 1975, p. 85). Parafraseando, agora com a verdade, a paradoxal realidade tal como ela é, invariavelmente sentida como frustradora e na maior parte das ocasiões realmente frustradora, acaba sendo um fardo excessivo que a besta do desejo não pode carregar. Estes fardos excessivos estão implicados nas “Duas Grandes Clivagens”¹⁶ da história ocidental, duas grandes guerras travadas em nome do conhecimento, mas contra o conhecer:

- i. Imanência de transcendência;
- ii. Matéria de mente.

Como em qualquer guerra, a primeira vítima foi a Verdade. “Ou” substituiu o “e” integrador: matéria *ou* energia, mente *ou* *body*, psique *ou* soma, certo *ou* errado, causa *ou* efeito, insano *ou* normal, dor *ou* prazer, conhecido *ou* desconhecido, bom *ou* mau, pênis *ou* seio, mãe *ou* pai, amigo *ou* inimigo, realidade *ou* alucinação e, a mais danosa para o analista, Realidade Psíquica *ou* Realidade Material. Duas posturas provêm destas clivagens que abominam paradoxos¹⁷.

Idealismo ingênuo

Um desprezo totalitário pela Verdade. Tipifica os povos primitivos, as crianças e a personalidade psicótica de uma forma modificada, por mesclar desafio cínico a desprezo, à delinquência. Trata-se da crença de que a mente é um produto da imaginação individual ou grupal. Nega uma “realidade lá fora” e nega “pensamentos sem pensar”. “*A imaginação é a base do conhecimento*”, dizia Hitler. (Cohen, 1989). Em nosso campo é representada por uma defesa de explicações hermenêuticas (no sentido de Gadamer e Heidegger), explicações de significados e descrições de significados que abominam as generalizações, não são susceptíveis à verificação. O idealismo concebe o ser humano como um criador divino-símile¹⁸, reduzindo ciência

16. Penso que eles divorciaram a ciência das humanidades. Aristóteles iniciou este divórcio; São Tomás de Aquino o aprofundou, assim como Maimonides, Avicena, Descartes e Comte; Spinoza, Goethe, Freud, Planck e Einstein o reverteram.

17. Kant criticou tanto a “razão pura”, quanto sua contraparte negativa, o “idealismo cego”, mas deixou sementes ambivalentes no que se refere à experiência; não tendo sido capaz de ser um cientista, sua carreira muito breve nesta área produziu alguns vôos imaginativos selvagens, como a idéia de que o vento que sopra no Mar do Norte seria gélido pelo fato de ter que cruzar o Oceano. O trabalho de Kant deixa margens a ser tomado de modo clivado; tanto o realismo, quanto o idealismo são parte integral de sua herança, tão importantes quanto seus alertas a respeito deles.

18. Como no pensamento do Bispo Berkeley; criticado abertamente por Kant, neste esquema não haveria coisas, apenas idéias.





a ideologia¹⁹, postulando acordos políticos entre grupos de pares que escolhem “paradigmas” sem a menor consideração à realidade dos fatos.²⁰

“P.A.: E é isto mesmo; não consigo ver por que razão uma partícula biológica infinitamente pequena que é lançada do centro galáctico sobre um torrão de sujeira – a que nós demos o nome de Terra – poderia, durante uma vida efêmera que não dura nem mesmo mil voltas em torno de um sol, imaginar que o Universo das Galáxias está em conformidade com suas limitações.

PAUL: As leis da natureza são apenas as leis do pensamento científico.

ROBIN: E se aceita rapidamente, como se fosse algo pleno de significado, que estas forças colossais ‘obedecem’ às leis do mesmo modo que nós obedecemos convenções sociais” (Bion, 1975, cap.5).

A advocacia que os “pós-modernos” fazem do discurso e a análise metafórica que lida com as palavras de um modo antropomórfico/animista – como se o discurso e as palavras pudessem gerar sentidos ou suas relações – um desprezo tipo Pôncio Pilatos assevera – obviamente, sem evidência empírica, apenas com base em raciocínios que a verdade é um assunto não filosófico (Rorty, R, op. cit). Privilegiam o significativo às expensas do significado, lidando com as palavras de um modo antropomórfico e animista, como se pudessem gerar significado de modo autônomo, ape-

19. Os pós-modernos podem ser vistos como provenientes dos excessos do estruturalismo; ver Lévy-Strauss, C. (1950), “Introduction a l’ouvre de Marcel Mauss”, in *Sociologie et anthropologie*, by M. Mauss, PUF; Althusser, L. (1967). *Philosophy and the Spontaneous Philosophy of the Scientists and Other Essays*. Verso, 1990, pp. 200-239; Feyerabend, P.K.(1975). *Science in a Free Society*; e também *Against Method*, ambos da New Left Books; Foucault, M. *El Nacimiento de la Clínica* (1963), versão em espanhol, por F. Perujo, Siglo Veinteuno. Pode-se ainda citar os enunciados simplistas vestidos de um palavrório epistemológico da moda, como os que dizem que a psicanálise seria uma prática vitoriana; à mesma episteme falsa contraditoriamente subjaz o enunciado que sempre acompanha o anterior, qual vagão tender, de que psicanálise seria uma prática judaico-bolshevista. Hoje é vista como judaica. A episteme básica é a idéia de que a psicanálise é decadente.

20. Thomas Kuhn, na esteira de Karl Popper, defendeu a descartabilidade da ciência; confundiu uma crítica de costumes da falsa ciência com ciência real. Imre Lakatos, apesar de sua polêmica política com Kuhn, apreendendo que este último defendia uma visão idealista totalitária e politizada (o “Ovo da serpente”, na metáfora filmada por Ingmar Bergmann), seguiu o mesmo caminho. Esta idéia de descartabilidade, ou seja, que uma boa ciência é aquela que pode ser provada falsa, é um totalitarismo que nega a existência da verdade. Ver Kuhn, T.(1970). *The StructureRevolutions*; Chicago Un. Press; Rorty, R. (1982). *The Consequences of Pragmatism*, cap. 6, Harvester; Lakatos, I. (1963-4). *Proofs and Refutations*, publicado em quatro partes, *Brit J. Phil. Sci.* 14; Lakatos, I & Musgrave, A.E., editors, (1970), *Criticism and the Growth of Knowledge*. Cambridge. Estas tendências se acoplam à visão de que toda ciência seria ideologicamente orientada, tipificada por Louis Althusser.





Paulo Cesar Sandler

nas através de suas interrelações²¹. “*Aqui está uma vantagem do psicanalista sobre o filósofo: seus enunciados podem ser relacionados a ‘realizações’; e as ‘realizações’²², a uma teoria psicanalítica. O que o pensamento psicanalítico requer é um método de notação e regras para seu emprego. Elas nos habilitarão a fazer o trabalho na ausência do objeto, para facilitar a continuidade do trabalho na presença do objeto. Há tempos se reconhece a barreira para este trabalho constituída pela atividade desbrida das fantasias do analista: enunciados pedantes por um lado e verbalização carregada de implicações não observadas por outro; elas significam que o potencial para mal-entendidos e deduções falsas é tão elevado que chega ao ponto de pôr a perder o valor de um trabalho executado com instrumentos tão defeituosos*” (Bion, 1965, p.44). Culmina na legalização das opiniões individuais, uma postura “leitura-über-alles” que elogia a imaginação ligada ao desejo como a única verdade a que o homem pode aspirar. Desprezam-se os desenvolvimentos que Freud fez para além do princípio do prazer/desprazer; assim, a episteme psicanalítica (ou pretensamente psicanalítica) desta “psicanálise” é uma pré-psicanálise, dos tempos de um Freud ofuscado por satisfação de desejo, dos seus tempos da cocaína e das relações causais. Com o combustível do “pouco saber”²³, os pós-modernos parecem incapazes de “...apreender o fato de que a natureza da relatividade... inclui o paradoxo” (Bion, 1975). Estas leituras desfiguram a bissexualidade observada por Freud e a relatividade observada por Einstein em um relativismo e o Princípio da Incerteza de Heisenberg em um “Princípio da Ignorância”. Tomam a incognoscibilidade última de “O” (o símbolo que Bion propôs para o âmbito numênico) pela sua inexistência; que, em última análise, é uma profunda negação da existência da verdade e da realidade.

Quando não se apreende o âmbito não sensorialmente apreensível e imaterial dos númena, há concomitantemente uma clivagem. Ela supervaloriza uma “mente” mal apreendida de um modo alucinado, desencarnado, escravizado pelo desejo. O idealista ingênuo vive em uma pobreza travestida de riqueza auto-atribuída, cujo

21. No movimento psicanalítico, o textualismo de Ricoeur e suas adaptações, por Lyotard. Ver Ricoeur, P. (1977). The question of Proof in Freud's psycho-analytical writing. *J.A.P.A.*25:835; Derrida, J. (1978) Structure, Sign, and Play in the Discourse of the Human Sciences, em *Writing and Difference*, Routledge & Kegan Paul; Lyotard, J.F (1979). *The Post Modern Condition*; Manchester, 1984. Penso que estes autores distorceram, por exagero e facciosidade, o trabalho de Bachelard e de Derrida; aos primeiros me parece faltar o cuidado em relação à realidade e verdade; o elogio das leituras individuais pode ser visto nos escritos de Deleuze, Foucault, Latour. Ver Bachelard, G. (1938). *A Formação do Espírito Científico (contribuição para uma psicanálise do conhecimento)*. Versão brasileira, por E.S.Abreu. São Paulo: Contraponto, 1996.

22. “realize” no original. Não há equivalente em português. Corresponde a um processo mental de “tornar real”, dar-se conta internamente de algo.

23. Talvez o trabalho de Gilles Deleuze seja um exemplo paradigmático desta tendência. Sokal e Brickmont expuseram a questão do pouco saber entre os pós-modernos. Sokal, A. & Brickmont, J. (1998). *Fashionable Nonsense. Postmodern intellectuals' abuse of Science*. New York: Picador.





conteúdo seria a imaginação individual. Nega que a criação real demande um casal. Fica perplexo quando as leis da ciência natural não obedecem às leis de seu funcionamento mental²⁴ (Bion, 1967). Schiller o descreve como o “poeta sentimental” (“Sentimentalische Dichter”): “sua observação é deslocada pela sua imaginação; sua sensibilidade, por suas idéias”²⁵ (Schiller, 1795).

Realismo ingênuo

Houve na filosofia uma reação contra o idealismo ingênuo, que hoje existe também no movimento psicanalítico. Trata-se do *Realismo ingênuo*, que desconsidera a Mente. A “ciência” positivista acredita que a realidade possa ser apreendida baseando-se no aparelho humano cuja função é concretizar certos estímulos. Ou manter concretos, ainda que sob formas modificadas em relação ao estímulo, os sentidos e a consciência racional que privilegia os fenômenos sobre os númena. Elementos (na acepção mais pura do termo) empiricamente intuídos – como aqueles intuídos por Freud, Einstein, Planck, Shakespeare e muitos outros – ficam substituídos por tentativas de extrair raízes. Mas elementos não são raízes, causas últimas; são relações, geralmente binárias. O realista ingênuo acredita tornar a realidade tangível por meio da descrição de causas, predição de efeitos, leis racionais e a locação das coisas em um modelo euclidiano-cartesiano que fica sendo tomado pela própria realidade. O realismo ingênuo nega que a razão é escrava da paixão (Bion, 1965, p.73).

A impossibilidade de intuir a natureza transcendente negativa das Formas (platonianas) transmuta os númena, na mente do realista ingênuo, em imanências positivas, concretizadas. O realista ingênuo parece não conseguir observar que a reprodutibilidade dos fenômenos analíticos depende da intuição de sua natureza não sensorialmente apreensível, não concreta, e não de uma crença em uma neutralidade axiomática do observador, que é o gerador de uma reificação dos métodos (Adorno et al, 1969). A quantificação positivista de dados “clínicos” os reduz às suas manifestações concretas. O realista ingênuo vive em uma pobreza mental plena de concretude vazia. Tenta aplicar a objetos animados os métodos apropriados para lidar com objetos inanimados. Seus conceitos são destituídos de elementos-chaves e de invariâncias elementares.

Os “paradigmas” do idealista ingênuo e a “falseabilidade” do realista ingênuo têm em comum sua aversão à Verdade, “O”: ambos criam uma ciência sempre mutan-

24. Ver especialmente “A Theory of Schizophrenia” e “Development of Schizophrenic Thought”.

25. Pode-se notar que uso o termo “ingênuo” no mesmo sentido de Kant, Cassirer e Bachelard; difere do uso de Schiller.





Paulo Cesar Sandler

te. Ambos coletam paramnésias eruditas, advocatícias que negam o inconsciente. Ambos hipervalorizam a realidade material, seja entronizando-a (positivismo), ou negando-a (idealismo).

Uma visão psicanalítica

Estarão a análise pessoal e a intuição analiticamente treinada e o aprender da experiência clínica fadados a serem substituídos por aprendizados racionais e “paradigmas” importados que fracassaram em seus próprios campos? Será mesmo possível substituir o sofrimento romântico das experiências intuitivas apaixonadas da análise pessoal, do analisar pessoas, por vãos indisciplinados de imaginação erudita – por um lado – ou por quantificações de dados grosseiros, grosseiramente captados (como contagem de palavras, interrupção de sonhos e assemelhados)? Não seria hora de retornar ao empirismo puramente psicanalítico, o empirismo clínico? Mas como retornar a ele, em tempos de tanto ataque à análise pessoal?

Uma fonte de engano parece ser a subserviência do desejo e do prazer, que se manifesta como desconsideração à verdade e ao amor e a um desprezo senso-concretizado à mente e à vida. “Invariâncias” são suplantadas por uma “pluralidade de significados”, que parecem se originar tanto da imaginação do analista quanto dos conteúdos manifestos do analisando. O não-seio, ou seja, o que surge entre o seio real e o seio idealizado, faz com que seja possível o pensar, ao tolerar o âmbito do negativo. Não tolerar que o seio real difira do seio que é desejado (ou mesmo necessitado), de um modo inevitavelmente frustrador, pode ser a base das duas ingenuidades. Elas ficam imobilizadas na posição esquizo-paranóide. O idealista alucina o seio ideal; prevalecem fenômenos paranóides. O realista concretiza o seio que não pode prover conforto; prevalecem fenômenos esquizóides.

O senso de verdade

Uma contribuição psicanalítica à epistemologia é o conceito de “senso de verdade” (Bion, 1961), obtido quando a pessoa se dá conta de que o objeto que é amado e o objeto que é odiado são o mesmo e um só objeto. Lida com pares antitéticos e seu desfecho, incluindo a criação, vida e a natureza tais como são – um avanço no desconhecido. Caso falte o senso de verdade, ocorrem tentativas concretas de se tornar dono de uma “verdade absoluta”. O senso de verdade torna possível aquilo que sugeri anteriormente como caracterização da postura psicanalítica básica: tolerar parado-





xos sem tentar resolvê-los. Sem esta tolerância, Religião substitui Pesquisa, Prescrição substitui Descrição, Moral substitui Compreensão, Representação substitui Apresentação, Entendimento substitui Apreensão, Deveria substitui a apreensão daquilo que é (como é), falsa complacência e conluio substituem “estar uno a” (“atonement”, Bion, 1970). O paciente aprende sobre análise, mas permanece virgem de análise. A tarefa psicanalítica equaciona-se com a adaptação a um padrão *a priori* – que é sempre alguma teoria psicanalítica. O resultado geralmente é uma cura definida culturalmente: uma adaptação externa e não interna, do self com o verdadeiro self. Nenhum dos dois ingênuos podem descobrir Funções Reais, nem tampouco Elementos – e menos ainda Verdade, “O”, que aparecem em pares paradoxais, tanto em teorias como no aqui e agora da sessão. Esta transcendência intuível, feita do que é verdade, através de seu poder totalizante, que ao mesmo tempo generaliza e dá conta de casos particulares, confere cientificidade a uma teoria. Não é criação do paciente nem do analista.

O praticante idealista é o aprendiz de feiticeiro no movimento psicanalítico, aferrando-se à imaginação e aos sentimentos violentos como se eles fossem a base do conhecimento. O realista, o engenheiro de nosso movimento, não consegue ultrapassar os conteúdos manifestos. Ambos confundem a atividade alucinatoria da mente, um contraponto negativo da apreensão da realidade, com fantasiar e sonhar. O idealista a exagera; o realista a vê como patologia. Os psicanalistas de hoje poderiam aprender com uma menininha talentosa de cinco anos, em seu terceiro ano de análise: “É fácil desenhar um ursinho de pelúcia. Você precisa ter um ursinho de pelúcia, prestar atenção nele e então você imagina um pouquinho”. □

Abstract

This paper compacts investigation published elsewhere as books. It constitutes an attempt to present the ethos of psycho-analysis through a historiography of ideas. It tries to establish some kinships between epistemology (theory of knowledge) and psycho-analysis. The latter seems to be the achievement of a task outlined but at the same time feared by Kant. It is so a deep exploration in the noumenal realm that is mistaken as the realm of the mind itself. To study the mind would be the purest epistemology. It would not be possible to practice epistemology if it lacked a firm grasp of its main tool, mind itself and its methods. The study pinpoints other functional parallels: for example, the fact that epistemes, in philosophy, are underlying or unconscious guidelines to knowledge awaiting elucidation. They are in this sense equivalent to the unconscious phantasies, in one’s mind and to the analytic theory.





Paulo Cesar Sandler

For the latter also are underlying, unconscious guidelines to get knowledge, awaiting illumination. The author considers that the practical nature of psycho-analysis differentiates it from epistemology, due to its cradle which is also its *raison-d'être*; namely, the clinic. Some definitions are proposed: (i) about the basic psycho-analytic posture, namely, the tolerance of paradoxes with no attempts to resolve them (these trials always have splitting as their aftermath); (ii) about two postures that hamper or precludes knowledge, namely, the naïve realism and the naïve idealism. The analyst is enabled to avoid these trends if he profits from the philosopher's experiences which caused the misery of philosophy (the idealism versus realism conundrum). The paper includes a hypothesis about the researcher's state of mind in terms of the paranoid-schizoid position. In the realist, schizoid phenomena prevail; in the idealist paranoid phenomena prevail. In the psycho-analytic movement the two tendencies express themselves by the easy adhesion to transplanted models extraneous to analysis, as a replacement to the lack of apprehension or even attack toward Freud's work. In the naïve realism the adhesion is to positivist models; in the naïve idealism, to hermeneutic models.

Resumen

Este estudio compacta la investigación publicada en la forma de libros. Constituye un intento de mostrar el Ethos del Psicoanálisis por intermedio de una historiografía de ideas. Trata de mostrar alguna parentela entre la teoría del conocimiento (o epistemología) y el psicoanálisis. El psicoanálisis sería la consecución de un proyecto delineado, pero temido por Kant: una explotación tan profunda en el ámbito de los números, que se confunde con el ámbito de la propia mente. Estudiar la mente sería practicar la epistemología más pura, pues no se practicaría la epistemología sin una aprehensión más firme de su instrumento *princeps*, la propia mente y sus métodos. Otros paralelos funcionales son señalados, por ejemplo, las epistemes, en la filosofía, son guías subyacentes o inconscientes para el conocimiento, que demandan elucidación. Son equivalentes a las fantasías inconscientes en la mente y en el psicoanálisis, ya que estas últimas también son guías subyacentes e inconscientes para el conocimiento que demandan elucidación. Se considera que la naturaleza práctica del psicoanálisis la diferencia de la epistemología, pudiendo ser en su origen como en su razón de ser, en la clínica. Son planteadas las definiciones sobre la postura psicoanalítica básica, o sea, la intolerancia para paradojas sin tratativas de resolverlas (que siempre implica en clivages) y las dos posturas que impiden el conocimiento, que se propone denominar de realismo e idealismo ingenuos. Estas tendencias que causaron la mise-

526 □ Revista de Psicanálise, Vol. X, Nº 3, p.509-528, dezembro 2003





ria en la filosofía – (la guerra del idealismo versus realismo) – podrían ser evitadas por el analista que viniera a aprovechar de la experiencia del filósofo. El estudio incluye una hipótesis sobre el estado de la mente del investigador en términos de la posición esquizo-paranoide. En el idealista prevalece el fenómeno esquizoide, en el idealista, el fenómeno paranoide. En el movimiento psicoanalítico, los dos se expresan por medio de adhesiones fáciles a los modelos trasplantados, en la falta de aprehensión o reacción contra la obra de Freud: en el realismo ingenuo, a los modelos positivistas; en el idealismo ingenuo, a los modelos hermenéuticos.

Agradecimentos: à Dra Viviane Mondrzak e Dr José Carlos Calich, pelo convite para publicar estas idéias e acolhida; aos Drs Jorge Canestri, pelo estímulo à versão original em inglês e pela oportunidade da divulgação inicial do estudo, no IPAC – Nice 2001; e ao Dr André Green e Sra Francesca Bion, pela leitura dos originais e sugestões; e de modo especial, ao Dr Aldo Luiz Duarte, pelo contínuo apoio, contraponto e leitura dos textos que serviram de base para este estudo.

Referências

- ADORNO, T.; POPPER, K.R.; DAHRENDORF, R.; HABERMAS, J.; ALBERT, H.; PILOT, H. (1969). *La disputa del positivismo en la sociología alemana*. Versão castelhana por J. Muñoz. Barcelona: Grijalbo, 1973.
- BERLIN, I. (1956). *The Age of Enlightenment*. New York: Meridian Books, 1984.
- . *Against the Current*. London: Pimlico, 1997.
- . *The Sense of Reality*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1997.
- BION, W.R.(1961). A Theory of Thinking. In: *Second Thoughts*. London: Heinemann, p.119.
- . (1962). *Learning from Experience*. London: Heinemann.
- . (1963). *Elements of Psycho-analysis*. London: Heinemann.
- . (1965). *Transformations*. London: Heinemann.
- . (1967). *Second thoughts*. London: Heinemann.
- . (1970). *Attention and Interpretation*. London: Tavistock Publications, p.28.
- . (1975). *Uma memória do futuro*, v. 1: *O sonho*. Rio de Janeiro: Imago, p.80.
- . (1992). *Cogitations*. London: Karnac Books, 1992, p.114.
- COHEN, P. (1989). *The Architecture of Doom*, Suécia, 1969 (versão filmada)
- . (1993) Explanation in Science and in History. In: Ruben D.H., ed. *Explanation*. Oxford: Oxford University Press, 1993, pp.17-42.
- GROTSTEIN, J. (Ed.) (1981). *Do I Dare Disturb the Universe? A Memorial to Wilfred R. Bion*. Beverly Hills: Caesura Press.
- GROTSTEIN, J (1995). “Bion’s transformations in O, the ‘thing-in-itself’ and the ‘real’: toward the concept of the ‘transcendent position’.” 39th IPA International Congress, San Francisco, California.
- KANT, I. (1781). *Crítica da Razão Pura*. Versão brasileira por V. Rohden. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p.105.





Paulo Cesar Sandler

SANDLER, P.C. (1997). Reflexões com a física. In: *A Apreensão da Realidade Psíquica*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

———. (2001). Le projet scientifique de Freud en danger un siècle plus tard. *Rev. Franç. de Psychanal.*, número hors série.

SCHILLER, F. (1795). Über Naïve und Sentimentalische Dichtung. In: *Schillers Werke*, v. 10. Basel: E. Jenny ed., 1946, p. 257.

Recebido em 16/11/2003

Aceito em 10/12/2003

Paulo Cesar Sandler

Rua Joinville, 157

04008-010 – São Paulo – SP – Brasil

E-mail: sandler@uol.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA

